

TV Mariano Procópio: sempre Filmando Juiz de Fora

Flávio Lins Rodrigues

RESUMO

Este artigo trata da TV Mariano Procópio, sediada em Juiz de Fora (Minas Gerais), primeira emissora de televisão do interior da América Latina. Os seus eslaides e filmes, que eram exibidos na cidade como parte da programação da TV Tupi carioca, se caracterizaram pela forma artesanal. Fotografias, surpreendentemente, deram forma ao primeiro telejornal da cidade, o Telefoto Jornal, inteiramente produzido com imagens estáticas. Em seguida, entrou no ar o Filmando Juiz de Fora, que levou o cotidiano da cidade mineira para cariocas, paulistas e capixabas, com imagens filmadas em película, que seguiam de ônibus para o Rio de Janeiro, de onde eram exibidas. A emissora, pertencente ao grupo dos Diários Associados, que não chegou a obter uma concessão governamental e que desapareceu sem beneficiar-se das novidades tecnológicas que vão tomando conta das demais tevês, obteve o apoio e o sucesso popular. As transmissões experimentais da TV Mariano Procópio, ao longo da década de 1960, marcaram a trajetória da televisão na cidade.

PALAVRAS-CHAVE: Televisão. TV Mariano Procópio. Juiz de Fora. Pioneirismo.

INTRODUÇÃO

No dia 21 de abril de 1960, Brasília foi inaugurada e as solenidades transmitidas pela TV Tupi para toda a região Sudeste. A fim de tornar possível esta transmissão, a emissora montou uma estrutura grandiosa, os esforços e recursos empreendidos para tal intento receberam das Associadas o nome de Operação 21 de Abril (Estado de Minas, 3 de abril de 1960). A primeira parte constou da ligação

entre São Paulo, Rio e Belo Horizonte e a segunda, da ligação de Belo Horizonte a Brasília, ambas através de links de micro-ondas.

Segundo o ex-superintendente da TV Itacolomi, Víctor Purri Neto (2009), Juiz de Fora foi um dos sete locais escolhidos para receber uma antena de retransmissão, por possuir uma montanha com altitude adequada, o Morro do Arado. Purri Neto, que participou como engenheiro geógrafo do projeto intitulado *Radar Profile Study*, feito por uma empresa americana para a *Radio Corporation of America* (RCA), que forneceu o equipamento para instalação das torres, detectou e fotografou os lugares onde deveriam ser fixados os pontos de linha de transmissão.

Dentro da Operação 21 de Abril, que seguia instalando as antenas de retransmissão da Tupi a partir do Rio de Janeiro, os trabalhos em Juiz de Fora foram concluídos em fevereiro de 1960. A partir daí a cidade começou a receber oficialmente o sinal da emissora Associada, deixando para trás as experiências feitas até aquele momento com a transmissão da Tupi¹.

Víctor Purri Neto (2009) não confirma, mas com a aproximação do dia da inauguração da nova capital (21 de abril de 1960), não houve tempo suficiente para a construção de outras torres até Brasília, dessa forma, o link de transmissão entre Belo Horizonte e Brasília que possibilitou a transmissão das solenidades de inauguração, foi feito por aviões da VASP.

Equipados com moderna aparelhagem de recepção e transmissão de micro-ondas, em pleno funcionamento, três aviões da VASP estão sobrevoando desde ontem, a rota Belo Horizonte-Brasília, desempenhando importante papel no esquema de cobertura e interligação da TV Tupi, canal 6, Rio; TV Ribeirão Preto, canal 8; e TV Itacolomi, canal 4. Os três aparelhos que se vêm reabastecendo normalmente nesta capital, voam em círculos e em distâncias pré-fixadas, numa altitude de 4.000 metros. Um deles se mantém sobre Brasília, ao passo que os dois outros cruzam o espaço entre a nova capital brasileira e Belo Horizonte (Estado de Minas, 21 de abril de 1960, p.3).

As primeiras negociações para o canal juiz-forano

As Associadas, em 22 de dezembro de 1956 (em virtude do sucesso alcançado pela Tupi e já com pretensão de formar uma rede no país), já haviam

¹ A capital mineira, só no dia 2 de abril de 1960 começou a receber o sinal do Rio, inaugurada no domingo 17 de abril de 1960 (Estado de Minas, 14 de abril de 1960, p.10).

protocolado, junto ao Governo Federal, um pedido de concessão para uma emissora de tevê geradora de sinal em Juiz de Fora, e que seria a primeira do interior do país. O que foi feito graças à projeção como cidade industrial, que Juiz de Fora ainda possuía. Mas o projeto de Chateaubriand só se torna concreto graças à Operação 21 de Abril, que instalou o transmissor no alto do Morro do Arado, tornando Juiz de Fora a partir de fevereiro de 1960, capaz de receber com qualidade, o sinal da Tupi vindo do Rio ou Belo Horizonte, e irradiar sinais de TV, valendo-se da torre retransmissora. Começava a se criar a estrutura para a TV Mariano Procópio, que recebeu este nome “numa deferência especial à memória do grande brasileiro Mariano Procópio, construtor da primeira rodovia do Brasil” (Estado de Minas, 12 de abril de 1960, p.2).

Em nossa pesquisa, verificamos que foi publicado pelo Diário Mercantil do dia 20 de janeiro de 1960, antes mesmo do sinal da Tupi chegar oficialmente, notícia sobre a instalação em Juiz de Fora da TV Mariano Procópio, através de uma sociedade anônima:

Juiz de Fora, cidade pioneira em diversos setores de atividade, caminha agora a passos largos para ocupar a vanguarda em outro grande empreendimento: a concretização da instalação e funcionamento da TV Mariano Procópio, Juiz de Fora será a *primeira cidade interiorana* (excetuando-se as capitais) a possuir uma estação de televisão. E todos sabem o que isso significará para o nosso progresso. Para a exploração da estação de televisão, que dentro de pouco tempo estará transmitindo os acontecimentos locais e nacionais de maior relevo e importância, está sendo constituída uma poderosa sociedade anônima, cujo capital atingirá à quantia de quinze milhões de cruzeiros, sendo de se notar que até a instalação definitiva a TV Mariano Procópio contará com uma camioneta com equipamento especial no valor de mais de oito milhões. Do capital da sociedade anônima a organização "associada" do Brasil contribuirá com parcela superior a sete milhões de cruzeiros, que já foram subscritos. O restante do capital será conseguido com a venda de ações no valor nominal de Cr\$ 1.000,00 e que brevemente estarão no mercado (Diário Mercantil, 20 de janeiro de 1960, p.8, grifo nosso).

O jornalista das Associadas, Rubens Furtado, em depoimento a nós concedido lembra-se como foi convidado por Renato Dias Filho, então diretor dos Diários Associados em Juiz de Fora, a participar do projeto de televisão na cidade:

Rubens, o Chateaubriand quer que eu faça uma televisão em Juiz de Fora, eu não tenho dinheiro para isso; o Diário Mercantil faturava muito pouco e a Rádio Sociedade também, o Chateaubriand é maluco, ele quer de qualquer maneira uma televisão aqui. E custa segundo o cálculo do Chateaubriand...

Eu não me lembro, mais ou menos eu precisava de uns 500 ou 600 mil dólares para montar uma televisão. Então, eu vou fazer o seguinte, vou criar uma empresa e vou vender ações em Juiz de Fora. [...] e aí, bom, ele lançou a TV Mariano Procópio no jornal (FURTADO, 2009).

Segundo o jornalista Wilson Cid (2009) a estratégia não deu certo e pouquíssimos assinaram, Cid, na época, trabalhava na Rádio Industrial que era concorrente das Associadas, vindo se juntar às empresas do conglomerado de Chateaubriand somente em 1963. Mas de acordo com anúncio publicado no Diário Mercantil de oito de maio de 1960 sobre o lançamento da TV Mariano Procópio, consta que até o dia 29 de abril, “5 dias da data do seu lançamento, foram subscritos Cr\$ 1.164.000,00 de ações preferenciais” (p.8). Observamos que dentre as 284 pessoas que adquiriram o primeiro milhão em ações da emissora, estavam jornalistas, empresários, comerciantes e políticos, como o mineiro Tancredo Neves, então secretário de finanças de Minas Gerais e o prefeito da cidade, Olavo Costa. Mas passada a empolgação inicial e como as transmissões não começavam, de acordo com notícias publicadas pelos jornais da época, os subscritores foram deixando de pagar as prestações relativas às ações.

TV MARIANO PROCÓPIO. Prorrogação dos pagamentos em atraso. De acordo com a resolução da assembleia geral dos senhores subscritores, de 21 de agosto de 1961 e o artigo 74, parágrafo 1 do Decreto-Lei 2627 de 26 de setembro de 1940, ficam os senhores subscritores da TV Mariano Procópio convidados a pagarem as prestações em atraso até 10 de outubro próximo, sob pena de perderem a entrada e as prestações pagas, ficando estas constituídas em mora. Os recibos acham-se em poder dos mesmos Bancos em que os senhores subscritores começaram a fazer o pagamento. Aqueles que não receberam o aviso bancário, poderão se dirigir ao telefone 1166, para quaisquer informações. Juiz de Fora, 21 de setembro de 1961. Renato Dias Filho – Eládio Lopes e José Aureliano de Hollanda – fundadores (Diário da Tarde, 2 de outubro de 1961, p.5).

A partir da edição do Diário Mercantil do dia 22 de novembro até 31 de dezembro de 1961, localizamos convocações para os fundadores da emissora, indicando que a situação começava a melhorar.

TV Mariano Procópio. Entrega de Cautelas. Convidam-se os senhores subscritores de ações da TV Mariano Procópio, para trocarem seus recibos provisórios pela Cautela de ações preferenciais da Rádio Sociedade de Juiz de Fora S.A., de acordo com a resolução da assembleia geral extraordinária dos subscritores da TV Mariano Procópio, realizada em 21 de agosto de 1961. Os portadores destas Cautelas são considerados fundadores da TV Mariano Procópio. As referidas cautelas já dão direito aos juros de 12% ao ano, correspondentes ao segundo semestre de 1961, se integralizadas

neste ano. Deverão trazer os recibos de pagamentos e uma certidão de casamento ou nascimento para comprovar a nacionalidade junto ao MVOP, como exige a regulamentação das sociedades anônimas de rádio e televisão. A entrega far-se-á das 9 as 12 e das 14 às 16 horas na sede própria dos DIÁRIOS, RÁDIO E TELEVISÃO ASSOCIADOS de Juiz de Fora, à Av. Rio Branco, 1906 (defronte ao Cinema Excelsior). Informes pelo telefone 1160. Juiz de Fora, 23 de novembro de 1961. TV MARIANO PROCÓPIO. RENATO DIAS FILHO diretor (Diário Mercantil, 23 de novembro de 1961, p.1).

Segundo nos revelou o jornalista Rubens Furtado (2009), como a venda de ações não aumentava e alguns compradores estavam em débito, o diretor das Associadas na Cidade, Renato Dias Filho, pede novamente ajuda a Furtado. E a partir de soluções criativas encontradas pelos jornalistas, entra no ar em caráter experimental a programação TV Mariano Procópio, ancorada no sucesso da Tupi e recorrendo ao apoio técnico da emissora Associada carioca e da TV Itacolomi, de Belo Horizonte, como veremos a seguir.

A luta pela legalização da emissora

Quando foi protocolado o pedido para a concessão de uma emissora de televisão em Juiz de Fora, no ano de 1956, Juscelino Kubitschek era o presidente da República. Segundo a pesquisadora Adriana Hassin Silva (2002), as relações entre Chateaubriand e Juscelino eram formais, o jornalista Adolpho Bloch e seu grupo de comunicação eram os preferidos do presidente, que não podia desprezar o poderio das Associadas. Mas a relação não era tranquila, o que podemos observar através das campanhas feitas pelas Associadas, contra a construção de Brasília, por exemplo. Segundo o escritor Ronaldo Costa Couto, “Assis Chateaubriand, o poderoso e influente rei da imprensa brasileira, dono dos Diários Associados, considerava a construção de Brasília uma loucura de Kubitschek e um crime contra o país” (COUTO, 2001, p.216).

Durante a conturbada relação de Chateaubriand com Juscelino, que governa o Brasil até 1961, a concessão para a TV Mariano Procópio não acontece, mas as parcerias ocorreram, como acreditamos que aconteceu com a gigantesca estrutura montada pelas Associadas para a transmissão da inauguração de Brasília. Nossas pesquisas indicam que a empreitada foi financiada por recursos federais, por que interessava a Kubitschek e também a Chateaubriand, que teve na inauguração da

capital federal a chance de ampliar o seu império, estendendo o sinal da TV Tupi através da criação de novas emissoras pelo interior do país.

Com a ascensão de Jânio Quadros e pouco tempo depois do seu vice, João Goulart, começa outro período tenso entre Governo Federal e Diários Associados, favoráveis² ao golpe, que irá depor João Goulart em 1964. O jornalista Wilson Cid (2009) acredita que devido à demora na concessão para Juiz de Fora, Chateaubriand estivesse já se desinteressando pelo projeto da emissora, mas o diretor das Associadas na cidade, Renato Dias Filho, não desanimou.

Somando-se aos problemas das Associadas, fortalecia-se na cidade outro grupo de comunicação. Wilson Cid destaca:

Havia uma luta de prestígio político. Era o grupo dos Diários Associados e formava-se um outro grupo, que não era comandado por Juiz de Fora. O grupo do Sérgio Mendes da Rádio Industrial, da Rádio Difusora que agregava outros interesses políticos nacionais, não só de Minas, mas nacionais, para fazer frente ao Diário dos Associados. É a razão porque o Sérgio Vieira Mendes obteria depois, com grande facilidade, um canal que seria então a TV Industrial. Isso se deveu basicamente ao ministro Francisco Clementino de Santiago Dantas, que era um homem de prestígio no governo, mineiro, vinha muitas vezes em Juiz de Fora e ele se empenhou muito com isso (CID, 2009).

Acreditamos que a habilidade política do grupo do empresário Sérgio Mendes teve papel importante para evitar que a concessão saísse para as Associadas na cidade, pois no período entre a solicitação feita pelo condomínio (1956) e a entrega do canal para o grupo de Mendes (1963), as Associadas obtiveram concessões para emissoras em outros lugares³.

Desta forma, observamos que a retaliação às Associadas se deu em nível local. O jornalista Rubens Furtado (2009), considera que o conglomerado estava dividido no apoio ao presidente da república João Goulart (filiação ao PTB) e que em

² Para a pesquisadora Iluska Coutinho (2005), todas as publicações das Associadas sempre estiveram contra o governo João Goulart, exigindo a “queda dos comunistas” e a “ascensão de forças democráticas” (COUTINHO, 2005).

³ TV Piratini, em Porto Alegre (1959); TV Itapoan, em Salvador (1960); TV Paraná, em Curitiba (1960); TV Brasília (1960), TV Rádio Clube, em Recife (1960); TV Cultura SP (1960), TV Rádio Clube de Goiânia (1961), TV Vitória (1961), TV Ceará, em Fortaleza (1961); TV Marajoara, em Belém (1961); TV Florianópolis (1961), TV Campo Grande (1961), TV Aracaju (1961), TV Alterosa, em Belo Horizonte (1962); além das tevês Triângulo, em Uberlândia (1964); e Borborema, em Campina Grande (1966) (CARNEIRO, 1999, p.425-426).

Juiz de Fora, o próprio diretor das Associadas, Renato Dias Filho, sepultou a possibilidade de que um canal fosse cedido para a cidade.

Contam que na época, o Renato, brigou com o pessoal do Jango, do PTB daqui, que era por sinal meu parente, meu amigo... E a concessão que deveria ser da Mariano Procópio, foi dada pro Sérgio Mendes, então a Mariano Procópio morreu, porque sem concessão, fazer o que? (FURTADO, 2009)

Mas outro episódio que também colaborou para complicar a situação das empresas Associadas em Juiz de Fora se deu com o ex-prefeito Olavo Costa do PSD, que governou a cidade em dois períodos, o segundo deles (31/01/1959 a 24/11/1962), época em que foi concedido o canal de televisão para o grupo da Rádio Industrial.

O político mineiro Antônio Maria Alkmin, na época vice-líder do PSD na Câmara Federal, partido do prefeito de Juiz de Fora, Olavo Costa, foi pressionado a intervir na campanha difamatória promovida pelos Associados contra o chefe do executivo municipal. Sobre a campanha Dias Filho esclarece:

O Olavo Costa também foi um... Todo mundo sabia que ele não estava agindo honestamente, falaram que ele... Falaram uma imensidade de coisas contra ele. Então nós *resolvemos não apoiá-lo e nos voltamos contra Olavo Costa*, é um fato muito interessante até. Um dia Chateaubriand me passou um telegrama e disse: Renato espere por mim que nós vamos falar com o Ministro Alkmin⁴. Chegamos lá no ministério, ele era ministro das finanças, e nós entramos, e nós fomos entrando, engraçado é que os contínuos iam abrindo as portas e gritando, Dr. Assis, Dr. Assis. Ele ia entrando, como se fosse um funcionário, um elemento lá do ministério. Nós fomos entrando, sentamos na sua frente, quando acabou ele me chamou. Chateaubriand falou pro Alkmin: –Fala pro Renato o que você quer. –Renato, eu quero ser Governador do Estado, e eu preciso da cidade de Juiz de Fora, [...] e eu não posso [...] tendo o Olavo contra mim. O que eu preciso fazer para contar com a cidade de Juiz de Fora. Ele disse que Chateaubriand decidia. A partir daí Chateaubriand pediu para que eu fosse diminuindo devagarzinho a campanha contra Olavo. Malhava-se o Olavo e os vereadores dele. O Olavo ficava amigo e inimigo da gente conforme a precisão. Mas ele nunca brigou com a gente, ele sempre prestigiou a gente (DIAS FILHO, 1980, grifo nosso).

⁴ O político José Maria Alkmin durante o governo Jânio Quadros (jan/ago de 1961) foi vice-líder do bloco parlamentar de oposição formado pelo PSD, pelo Partido Trabalhista Brasileiro (PTB) e pelo Partido Social Progressista (PSP), e um dos principais críticos da política econômico-financeira governamental. Durante a presidência de João Goulart, continuou a exercer a vice-liderança do PSD, tendo participação destacada no debate sobre as questões econômicas e financeiras. Em 1962, reelegeu-se deputado federal por Minas Gerais, ainda pelo PSD (*Dicionário Histórico Biográfico Brasileiro pós 1930*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2001).

Os Diários Associados, inconformados com a perda da concessão para o grupo de Sérgio Mendes em 1963, lutaram judicialmente por alguns anos, mas não conseguiram reverter o ato presidencial.

Se fomos os primeiros a requerer, fomos também os escolhidos, pois no despacho de 22/06/1962, o Exmo. Sr. Presidente do Conselho de Ministros, entre seis empresas solicitantes, escolheu a Rádio Sociedade de Juiz de fora, levando em conta, naturalmente, os bons serviços que a emissora Associada vem prestando ao público. Há tanto tempo, eis que teve concessão em 1º de outubro de 1937. Ressalta-se ainda que, antes do despacho do Sr. Presidente dos Conselhos de Ministros, a Comissão Técnica de rádio, que era órgão coordenador do assunto, manifestando-se, opinou favoravelmente ao pedido da Rádio Sociedade, que era o mais antigo. Depois disso, então, *integrando-se ao esquema político da época*, é que o Sr. Presidente do Conselho dos Ministros, através do despacho de 29/08/1962 atendeu o recurso da Rádio Industrial, outorgando-lhe a concessão do Canal – que era e, possivelmente, é nosso (Diário da Tarde, 6 de abril de 1964, p.5).

Com essa decisão, o destino da TV Mariano Procópio foi decidido: ela nunca deixaria de ser experimental, pois na época não havia outros canais disponíveis para a região. As transmissões deveriam ser suspensas. A TV Industrial entrou no ar oficialmente em 1964. Não havia mais possibilidades de recursos jurídicos. A decisão era irreversível.

A partir daí, o jornalista Renato Dias Filho, inconformado, mais uma vez inovou. E deu continuidade à produção da Mariano Procópio para manter Juiz de Fora no ar. Só que desta vez, enviando o material produzido pela equipe para ser veiculado através da poderosa TV Tupi Carioca (CID, 2006). Mas antes disso, entra no ar o Telefoto Jornal.

O início do telejornalismo na cidade

Quando ouvimos pela primeira vez as palavras Telefoto Jornal⁵, durante depoimento concedido a nós, em 2006, pelo ex-fotógrafo dos Diários Associados,

⁵ A palavra Telefoto Jornal soou muito estranha no nosso primeiro contato, acreditamos que Jorge Couri (2006) estivesse falando de um telejornal. Mas, nas outras entrevistas, quando Couri (2009) começou a explicar que utilizavam *Radiofoto* e *Telefoto* no Diário Mercantil, os fragmentos começaram a fazer sentido. A radiofoto se tratava da foto transmitida pelo rádio, que já era usada pelo jornal O Globo em 1936, e a *telefoto* consistia na transmissão de imagens ou fotos à distância, associada à telegrafia. “Um pincel luminoso explora todos os pontos da imagem que uma célula

Jorge Couri, consideramos ser impossível localizar vestígios e provar a existência dessa produção. Pensamos também que pudesse ser um engano, pois se tratava de um evento de quase cinquenta anos atrás e que por se basear na memória do depoente, os acontecimentos ou impressões relatados poderiam estar distorcidos, como nos ensina a escritora Maria Tereza Frota Haguette (1992).

Localizamos anúncios no Diário Mercantil convidando os telespectadores da cidade de Juiz de Fora para assistirem às reportagens que seriam mostradas logo após o Repórter Esso⁶, no Telefoto Jornal. A partir desses anúncios encontrados nos jornais das Associadas em Juiz de Fora, e unindo essas informações ao depoimento de Jorge Couri, pudemos verificar que, nos anos 1960, através da antena da Mariano Procópio no alto do bairro São Benedito⁷ e do projetor de eslaides instalado no mesmo local, era exibido, durante cerca de cinco⁸ minutos, às oito e quinze da noite, o Telefoto Jornal, cujo slogan era “Uma síntese fotográfica dos acontecimentos da cidade” (Diário da Tarde, 1961, p.5).

Segundo Jorge Couri (2009), tanto o material jornalístico como a publicidade eram fotografados por ele, seguindo a orientação de Furtado. Os textos eram do jornalista Rubens Furtado e a narração também, que nessa função se revezava com o radialista Cláudio Temponi, além do também radialista Geraldo Basdon⁹, que fazia a locução dos comerciais. Como trabalhamos com história oral, estamos sujeitos a flutuações da memória, assim, Jorge Couri (2009) não tem certeza de como era feita a interrupção da programação da Tupi para a entrada do Telefoto Jornal. Ele se lembra apenas de que o sinal da Tupi era interrompido quando aparecia a imagem

fotoelétrica traduz em correntes variáveis para serem transmitidas à estação receptora, onde, em sincronismo, por processo inverso, se reconstitui o original” (COURI, 2006).

⁶ O Repórter Esso foi adaptado pela Tupi de um rádio-jornal de grande sucesso, transmitido, na época, pela United Press International (UPI), sob a responsabilidade de uma agência de publicidade, que entregava o programa pronto. Segundo Sérgio Mattos (2002), *a TV Tupi limitava-se a colocá-lo no ar*. O noticiário tinha grande credibilidade junto ao público e foi exibido na TV Tupi de 1953 a 1964, quando passa para a Record e é exibido até 1970.

⁷ O bairro São Benedito até os anos 1950 era conhecido como Arado.

⁸ Jorge Couri (2009) acredita que o jornal tinha 5 minutos, mas o ex-jornalista das Associadas em Juiz de Fora, Mário Manzolilo de Moraes, afirmou em depoimento a nós, que o jornal tinha em média 15 minutos. (MORAIS, 2009)

⁹ De acordo com o jornalista Mário Manzolilo (2010), Geraldo Basdon trabalhava no departamento comercial das Associadas e fazia locuções esporádicas, como na transmissão da missa, por exemplo. Por ter interesse na veiculação dos anúncios que vendia ele acabava atuando como motorista, indo sozinho ao Morro do Arado para ele mesmo exibir o jornal e fazer a locução ou levando os radialistas Cláudio Temponi ou Rubens Furtado. Segundo Moraes, o funcionário das Associadas José Costa Neto revezava com Geraldo Basdon para levar o material até a antena da TV Mariano Procópio.

do “indiozinho” (símbolo da emissora) na tela. A partir daí, apresentavam-se alguns eslaides¹⁰ com notícias e publicidade. Sobre a rotina da produção, Furtado destacou:

Fazia um texto, gravava e depois eu pegava as fotos e fazia sequência das fotos. Então o operador ia no transmissor ligava ele e ia colocando as fotos na medida que dava a notícia. Por exemplo: O prefeito Olavo Costa Foi hoje inaugurar um novo sistema de água no Jardim Glória e aí aparecia ele inaugurando na foto (FURTADO, 2009).

Não existe documentação sobre os equipamentos da emissora, apenas vestígios¹¹ nos jornais da época, mas que pecam pela descrição dos nomes e dos modelos, como pudemos verificar, em uma época em que não havia familiaridade com a novidade tecnológica e a rotina da produção para TV. Tudo era novo para todos. De acordo com Couri (2009), o Telefoto Jornal foi feito inicialmente com eslaides sem acompanhamento de som, depois com locução ao vivo e, mais tarde, valendo-se de um gravador¹² adaptado, quando os textos puderam seguir prontos para serem exibidos no Morro do Arado. Em seguida, cortava-se novamente para a programação da Tupi do Rio, que era o sinal retransmitido na cidade.

O Telefoto Jornal vigorou, segundo Couri (2009), por quase três anos (1961-1963), embora os anúncios encontrados nos jornais da época dessem conta da existência do jornal apenas entre 24 de novembro de 1961 e 2 de dezembro do mesmo ano. Em suas pesquisas sobre o pioneirismo da televisão em Juiz de Fora, Livia Fernandes (2009) confirma que a produção do Telefoto Jornal aconteceu por cerca de três anos, mas que não é possível precisar as datas de início e de encerramento, já que os anúncios sobre a produção da TV Mariano Procópio ocorreram apenas nos últimos meses de 1961.

Embora Moraes (2010) e Couri (2009) divirjam sobre quanto tempo durava o jornal no ar, ambos deixam claro que as notícias eram variadas:

Esportes, por exemplo, seguidos de um anúncio da Casa do Atleta. E podia ser mais de uma notícia sobre o assunto, dependendo do que estivesse acontecendo no dia [...] O Telefoto tinha outras coisas, tinha festas, eventos,

¹⁰ Não foi possível verificar quantos eslaides eram exibidos, mas de acordo com Moraes (2010) o jornal apresentava diariamente várias notícias.

¹¹ Encontramos na primeira página do Diário da Tarde de sete de outubro de 1961 e na página seis do Diário Mercantil de dez de maio de 1960 os únicos vestígios relativos aos equipamentos da TV Mariano Procópio.

¹² Segundo o jornalista Rubens Furtado (2009), era um gravador que hoje já não existe mais, registrando o som numa espécie de fio. De acordo com nosso levantamento acreditamos que tenha sido um gravador de fio modelo 268-1, fabricado em 1948 pela Webster, Chicago, EUA.

acho que na parte social entrava o Décio, a “Notícia Social do Dia”. Notícias de polícia não me lembro, mas devia dar sim (MORAIS, 2009).

O sucesso do telejornal da emissora juizforana pode ser medido pelas inúmeras visitas que o engenheiro da TV Itacolomi de Belo Horizonte, Víctor Purri Netto, teve de fazer a Juiz de Fora para melhorar o sinal do canal dez:

Ele vinha aqui... ia lá pra cima... vinha cá pra baixo. O Renato falava com ele: No bairro Bom Pastor está todo mundo reclamando que não está ouvindo... e o que não estava ouvindo exatamente era esse jornal, porque não tinha o que ver, se não este jornal. [...] Eu me lembro, uma bela noite apareceu o Renato, eu morava no Alto dos Passos na rua Machado Sobrinho, mais pra parte alta, então eu tinha uma antena mais ou menos boa pra época, né! Eu tinha uma imagem ótima da Tupi, muito boa mesmo. Ele foi lá em casa e ainda falou: Podia melhorar essa imagem... Ele é perfeccionista o Víctor... podia melhorar essa imagem, o problema é da televisão! Mas eu disse pra ele, a televisão é nova, eu acabei de comprar. Era um modelo Philco Predicta, com tela giratória (MORAIS, 2010).

A transmissão inicial do Telefoto Jornal, fez parte da estratégia utilizada por Renato Dias Filho e Rubens Furtado para convencer a classe média a investir na TV Mariano Procópio S.A. Mas, Couri (2009), Cid (2009) e Moraes (2009) relataram também em seus depoimentos a importância de outras transmissões, feitas esporadicamente, em datas comemorativas.

Filmando Juiz de Fora

Como a TV Mariano Procópio nunca deixou de ser experimental, e não se constituiu de fato como uma empresa de comunicação, tendo sido organizada apenas através de Sociedade Anônima com fins comerciais, todas as decisões quanto ao início ou fim da exibição de programas, bem como seu formato, viabilidade e exibição, não foram documentadas e aconteceram informalmente entre jornalistas do grupo em Juiz de Fora, chefiados por Renato Dias Filho e os publicitários da cidade. Se caracterizaram pela oralidade, o que dificulta ainda mais a nossa pesquisa, cuja análise documental é restrita, em virtude dos poucos dados disponíveis e, sobretudo, pelo fato de nem todas as lacunas serem preenchidas através dos depoimentos memoráveis daqueles que foram os pioneiros desta

televisão. Assim, nossas referências são notadamente depoimentos orais, pois se a história oficial omitiu a existência da TV Mariano Procópio, cabe a estas memórias “marginalizadas” que prosseguiram “seu trabalho de subversão no silêncio” (POLLAK, 1989, p. 3-15) contribuírem para ocupar as lacunas da memória nacional. Desde que a concessão para um canal de televisão em Juiz de Fora foi entregue ao empresário Sérgio Mendes, houve um silenciamento das Associadas sobre a TV Mariano Procópio, até a entrada da TV Industrial no ar, em 29 de julho de 1964 (BELCAVELLO, 2008).

Mas o diretor das Associadas em Juiz de Fora, Renato Dias Filho, não desanimou e pouco tempo depois da entrada no ar da concorrente convida o ex-senador João Calmon para vir a Juiz de Fora e falar pela TV Mariano Procópio. Naquele momento, a emissora estava proibida de gerar programação, devendo atuar apenas como uma repetidora de sinal. Para a transmissão da entrevista de Calmon na TV, foi feito acordo com a Itacolomi, que forneceu a estrutura técnica.

Em agosto de 1966, Renato Dias Filho comunica a Couri que seria produzido um novo telejornal sobre Juiz de Fora, veiculado a partir da Tupi do Rio de Janeiro, deixando para trás o formato do Telefoto Jornal. Sobre o comunicado, Couri nos revelou em depoimento:

Eu pensei... Pode ser de eslaide... Mas eles disseram que não, ia ser filmado. Aí eu pensei, como é que eu vou fazer isso, não sei filmar, não tenho máquina, não tenho condições de revelar e filmar isso aqui e montar, eu não tenho nada. Mas eles disseram que iam dar um jeito (COURI, 2009).

Couri recebe de Renato Dias Filho uma velha filmadora 16 mm¹³, capaz apenas de produzir imagens em preto e branco, sem som. Ocasão em que vai até a TV Tupi do Rio e é orientado sobre o funcionamento da câmera. Voltando a Juiz de Fora, constrói improvisadamente a estrutura para revelação dos filmes.

Eu comecei a fazer umas tiras de madeira, devia ter uns noventa centímetros de altura por 20 de largura, toda ela coberta com asfalto, para não vazar. [...] Era um tanque assim, 90 cm de altura e 120 cm de largura, no qual eu tive que mandar fazer na carpintaria uma espécie de tear na marcenaria, que você colocava o filme que já tinha sido gravado, enrolado nesta parte assim, pra emergir no revelador (COURI, 2009).

¹³ Na época um formato já considerado amador, mas que seria a única solução para quem desejasse filmar e não pudesse arcar com os altos custos do formato profissional 35mm.

Couri (2009) destaca a dificuldade que teve inicialmente, “já que fotografar é uma coisa, filmar é outra”. Assim, o fotógrafo das Associadas vai buscar nos filmes de Flash Gordon, exibidos em capítulos nos cinemas da cidade e nos cinejornais da Carriço filmes, a inspiração para fazer as imagens da TV Mariano Procópio, recorrendo inclusive ao próprio cineasta João Carriço e à sua equipe de cinegrafistas para obter dicas da maneira adequada de trabalhar (COURI, 2009).

Resolvidos os problemas técnicos, no dia 26 de setembro de 1966, entra no ar na TV Tupi do Rio de Janeiro o Filmando Juiz de Fora, transmitido para todo o Estado do Rio de Janeiro e parte de Minas Gerais:



Diário Mercantil, 23 de setembro de 1966, p.4

Sob a supervisão do publicitário Waltencyr Mattos e com o patrocínio da fábrica juizforana RS Móveis, começou a ser exibido o noticiário, “diariamente filmando e fotografando todos os acontecimentos da cidade para levar ao Brasil, pela estupenda imagem do Canal 6 - TV Tupi - *a vida trepidante da Manchester Mineira*” (Diário Mercantil, 23 de setembro de 1966, p. 4, grifo nosso). Embora o jornalista Wilson Cid (2009) se refira à existência de um outro programa, chamado

Juiz de Fora em Foco, exibido diariamente pela TV Tupi do Rio com notícias de Juiz de Fora, acreditamos que seja o mesmo Filmando Juiz de Fora, já que os períodos de existência dos programas, segundo os depoimentos, coincidem, e só localizamos, até agora, vestígios do Filmando Juiz de Fora.

O programa era exibido dentro do Jornal da Tarde¹⁴, com a narração dos locutores da Tupi (Carlos Frias, Waldo Moreira, Dalvan Lima e outros grandes nomes da emissora) e redação dos juiz-foranos Wilson Cid, Laiz Velloso, Mário Helênio, Ricardo Martins, Ismair Zaghetto. As filmagens eram feitas por Jorge Couri, Jaime Santos e Edy Vasques.

Inicialmente, o Jornal da Tarde¹⁵ era exibido de 16h às 17h. Ocorre que no início da televisão, a grade de programação não era rígida¹⁶ e os horários de exibição dos programas variavam. Já na estreia, o Filmando Juiz de Fora não foi apresentado no horário anunciado:

Foi ao ar ontem, pela primeira vez, no "Jornal da Tarde", da TV Tupi, o informativo "Filmando Juiz de Fora", com uma síntese noticiosa de importantes fatos ocorridos na cidade, nestes últimos dias. Na oportunidade em que registramos a primeira edição do jornal falado sobre Juiz de Fora, queremos solicitar as devidas desculpas aos telespectadores pela mudança brusca no horário, pois em virtude da Lei Eleitoral, o horário de 16 às 17 horas, marcado para a apresentação do "Jornal da Tarde" foi ocupado por candidatos políticos nas próximas eleições. Em virtude de tal fato, "Filmando Juiz de Fora" teve o seu horário antecipado, indo ao ar por volta de 15:15. Não houve, infelizmente, aviso antecipado ao público sobre a alteração do horário, motivo pelo qual esta explicação se justifica (Diário da Tarde, 27 de setembro de 1966, p.5).

Segundo Waltencyr Mattos, o Filmando Juiz de Fora tinha cerca de 15 minutos, com três ou quatro quadros, dos quais ele se lembra principalmente do Dois Minutos de Mulher, que mostrava diariamente reportagens e dicas sobre moda e beleza (MATTOS, 2010). Os anúncios do programa dão conta de que ele

¹⁴ Além de constar na programação de TV publicada em O Jornal, a única referência ao Jornal da Tarde – que estreou no dia primeiro de setembro de 1966 às 16h45min – encontramos em O Jornal, de fevereiro de 1968, destacando que o noticiário estava sob o comando de Correia de Araújo (O Jornal, 1º de fevereiro de 1968, p.1). Acreditamos que a pouca visibilidade do noticiário ocorria em virtude do desprestígio dos programas no horário da tarde, como destaca Mattos (2009).

¹⁵ Em 1968, quase dois anos após estreia, o Jornal da Tarde, passou a ser exibido às 13h (O Jornal, 1 de fevereiro de 1968, p.3).

¹⁶ É comum encontramos testemunhos afirmando que o telespectador, por falta da existência de uma programação estruturada a ser levada ao ar, chegava a ver 30 minutos de propaganda seguida. Da mesma forma, os homens de publicidade se queixam que ninguém ligava muito se o anúncio previsto para 30 segundos acabasse tendo 40 ou 45 segundos (ORTIZ, 1988, p.62).

apresentava também entrevistas e reportagens sobre polícia, política, esporte, sociedade e artes, tudo de Juiz de Fora, o que, segundo Cid, tempos depois seria a causa do fim da exibição do programa no Rio de Janeiro. Afinal, por que Juiz de Fora?

Mattos (2009) enfatiza o fato de não ter que pagar nada à Tupi, era só mandar as filmagens e o roteiro prontos que os locutores do canal se encarregavam de ler as notícias, em uma época em que as emissoras tinham dificuldades para preencher a grade de programação (SIMÕES, 1986). Mattos (2009) destacou ainda que a publicidade era cara para a época e que a preferência dos anunciantes era pelo horário noturno, o que facilitou para que fosse exibido o programa feito em Juiz de Fora. A concretização da ideia do programa só se tornou possível depois que Mattos conquistou patrocinadores suficientes para financiar a realização, já que mesmo não sendo feitos pagamentos à Tupi, havia despesas com transporte, rolos de filme e com a equipe. Mattos se tornou o supervisor do programa.

No fim dos anos 1960, já não era muito comum nos grandes centros a coordenação de um programa estar nas mãos de um publicitário¹⁷. Desde que a TV Excelsior entrou no ar, em 1960, apoiada em bases empresariais inovadoras, a relação entre a emissora e o anunciante havia mudado. Os programas passaram a receber apoio comercial, agora subordinado aos departamentos especializados das emissoras. Mas, no interior do país, onde ainda se fazia uma televisão amadora, permanecia a relação estabelecida entre emissora e anunciantes, nos moldes dos anos 1950 – o caso de Juiz de Fora:

Isso significava que os anunciantes e as agências de publicidade não eram meros vendedores de produtos, mas também produtores de cultura. Evidentemente uma cultura popular de massa, mas que produzida no contexto do pioneirismo brasileiro, conferia aos produtos anunciados uma aura que certamente eles desconheciam nas sociedades avançadas (ORTIZ, 1988, p.61).

A partir do levantamento que realizamos no Diário Mercantil, o Filmando Juiz de Fora passou por duas fases: da sua estreia, em 26 de setembro de 1966, até 13

¹⁷ Waltencyr Mattos além de publicitário foi ator da TV Itacolomi, tendo feito centenas de papéis em novelas, teleteatros e especiais da emissora mineira. No ano de 1960 recebeu o troféu Ari Barroso como o melhor ator de televisão do ano (MATTOS, 2009).

de julho de 1967¹⁸, quando foi exibido pela TV Tupi do Rio de Janeiro; e de 14 de julho de 1967 a 13 de março de 1968, quando foi veiculado pela TV Alterosa de Belo Horizonte.

Segundo nossas pesquisas, os sinais das duas emissoras não eram recebidos concomitantemente em Juiz de Fora; quando um estava sendo recebido o outro não era, já que se valiam da mesma antena de retransmissão. O sinal da TV Tupi do Rio chegava no canal 6 e os de Belo Horizonte (Itacolomi e Alterosa) utilizavam o canal 8. Embora não existam registros sobre como se dava a mudança do sinal de uma para outra emissora, o técnico de televisão Marciano Palmeira¹⁹ (2010) explica que era possível fazer a troca, inclusive durante a programação, ou seja, a TV Mariano Procópio seguia exibindo em Juiz de Fora o sinal da Tupi do Rio e, no horário do jornal, passava a exibir o sinal da Alterosa ou Itacolomi, podendo retornar depois ao sinal do Rio.

Durante os 11 meses em que o programa foi exibido para Juiz de Fora e todo o Rio de Janeiro, segundo Cid (2009), onde houvesse um televisor ligado, as pessoas paravam para ver Juiz de Fora na TV. O detalhamento do conteúdo do *Filmando Juiz de Fora* não foi publicado nos impressos da época, durante o período de exibição no Rio de Janeiro. O que só passou a acontecer quando o informativo começou a ser exibido pela TV Alterosa²⁰ de Belo Horizonte.

A partir de levantamento nos periódicos da época, na capital mineira, verificamos que o *Filmando Juiz de Fora* perdeu²¹ o viés cultural, substituindo as matérias sobre moda e beleza, por exemplo, por notícias de política e economia. Em Belo Horizonte, passou a ser exibido às 18h40min. A mudança de horário teria sido favorável pois, até então, a exibição à tarde só permitia que crianças e donas de

¹⁸ Os jornais da época não determinam a data exata em que o programa *Filmando Juiz de Fora* deixou de ser exibido pela Tupi, mas a primeira notícia sobre a presença do jornal na TV Alterosa de Belo Horizonte aconteceu no dia 14 de julho de 1967 (*Diário Mercantil*, 14 de julho de 1967, p.1).

¹⁹ Informação obtida em conversa informal com o técnico da TV Panorama, afiliada da Rede Globo em Juiz de Fora, Marciano Palmeira (2010).

²⁰ A opção pela TV Alterosa, seguramente se deu devido à fragilidade e à precariedade da programação da emissora mineira (MATTOS, 2009), que abriu o espaço para Juiz de Fora, já que o programa não podia mais ser exibido a partir da Tupi do Rio.

²¹ Em 77 programas exibidos pelo canal de Belo Horizonte, que tiveram os assuntos divulgados pelo *Diário Mercantil*, observamos que o *Filmando Juiz de Fora* tornou-se conservador, e assuntos como moda e beleza – mais voltados ao público feminino e com grande destaque nas edições do Rio de Janeiro – desaparecem. Dos conteúdos analisados, constatamos que somente três programas, dentre eles o do dia 25 de outubro de 1967, mostraram assuntos relacionados ao universo feminino, como a eleição da Elegante Bangu. A partir do nosso levantamento, verificamos que a temática mais presente passou a ser economia, em 54 das 77 edições, seguida de política (48) e polícia (26).

casa tivessem acesso ao programa, e com a alteração de horário, os trabalhadores do sexo masculino podiam assistir ao programa.

Embora estejamos sujeitos a imprecisões, de acordo com nossas pesquisas, o Filmando Juiz de Fora foi exibido até março de 1968, sendo possível que ainda tenham existido outras apresentações, já que o roteiro do programa deixou de ser publicado no Diário Mercantil, o que já havia acontecido antes, em pequenos intervalos de tempo como três ou quatro dias, mas não houve nenhum comunicado sobre o fim do programa.

O publicitário Waltencyr Mattos (2009), supervisor do programa, não tem certeza sobre qual o motivo do fim das transmissões, mas afirma que possivelmente deve ter acontecido devido a uma mudança na grade de programação das emissoras, já que a publicidade para televisão continuava a ser vendida, embora começasse a ser dividida com outros canais, como a Rede Globo, por exemplo, que começa a ser transmitida em Juiz de Fora no fim dos anos 1960.

CONCLUSÃO

O escritor Luiz Augusto Milanese (1978), ao tratar dos efeitos causados pela chegada do sinal de televisão a uma cidade do interior, conta que algumas pessoas continuaram a colocar suas cadeiras e bancos na calçada, como faziam para se informar e se entreter antes do acesso à programação de TV. Só que, desta vez, com as costas para a rua e os olhos voltados para o aparelho que estava no interior da casa. Acreditamos que o ato de dar as costas para o mundo que passa pela rua, dirigindo olhares e atenção para a telinha, torna-se uma metáfora para a chegada da televisão à maior parte das cidades brasileiras, como Juiz de Fora.

Ao longo do trabalho detectamos que todos os documentos analisados, audiovisuais ou não, dão conta de que a produção televisual da TV Mariano Procópio foi regida inicialmente pela necessidade de se estabelecer no município. Seria mais uma experiência e demonstração da capacidade tecnológica de produção através do Telefoto Jornal, por exemplo. Quando a concessão é perdida para a TV Industrial, observa-se o fortalecimento da proposta de se fazer televisão na cidade, acentuada pela visibilidade que o veículo ganhava em meados dos anos 1960. Para lutar com o canal que recebeu a concessão oficial de TV em Juiz de Fora, embora entregue a um grupo que tinha dificuldades para explorá-la, a TV Tupi carioca

tornava-se o veículo adequado. A partir daí, valendo-se muitas vezes do apoio também das emissoras Associadas de Belo Horizonte e das ideias de publicitários locais atentos a ampliação das verbas publicitárias destinadas à televisão, surge o noticiário local veiculado inicialmente a partir do Rio de Janeiro, e mais tarde a partir de Belo Horizonte. Quando o telejornal passa a ser exibido a partir da TV Alterosa de Belo Horizonte, que não obtinha nem visibilidade nem sucesso comercial na cidade. Em função da falta de registros, temos dificuldade para mensurar a penetração alcançada pelas experiências da televisão Associada em Juiz de Fora. Mas, pelo número consistente de patrocinadores presentes em todas as transmissões, inclusive na produção do pioneiro Telefoto Jornal, acreditamos que obtinham sucesso, que foi se ampliando no correr dos anos 1960 e transformando a televisão no principal veículo de comunicação do país.

ABSTRACT

TV Mariano Procopio: always Filming Juiz de Fora

This article deals with the TV Mariano Procopio, based in Juiz de Fora (Minas Gerais), the first television station in the interior of Latin America. Your slides and films that were exhibited in the city as part of the TV programming Tupi carioca, were characterized by a craft. Photos, surprisingly, formed the first newscast of the city, Telefoto Jornal, produced entirely with still images. Then went on the air Filmando Juiz de Fora, which took the life of the city of Minas Gerais to Rio, Sao Paulo and Espirito Santo, with images shot on film, which followed the bus to Rio de Janeiro, where they were displayed. The station, belonging to the group Diarios Associados, who did not get a government grant and who disappeared without benefit from the technological innovations that will take care of the other TVs, obtained the support and popular success. The experimental TV transmissions Mariano Procopio, throughout the 1960s, marked the history of television in the city.

KEYWORDS: TV. TV Mariano Procopio. Juiz de Fora. Pioneering.

REFERÊNCIAS

BELCAVELLO, Frederico. *TV Industrial: a representação de Juiz de Fora na TV nos anos 60 e 70*. In: ENCONTRO DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO DE MINAS GERAIS, 1., 2008, Belo Horizonte. *Anais...* Belo Horizonte: UFMG, 2008. P.1-11

CARNEIRO, Glauco. **Brasil, primeiro: história dos Diários Associados**. Brasília: Fundação Assis Chateaubriand, 1999.

CID, Wilson. *Wilson Cid*: depoimento [out. 2006]. Entrevistador: Flávio Lins Rodrigues. Juiz de Fora, 2006. 1 fita cassete (60min), estéreo.

_____. *Wilson Cid*: depoimento [set. 2008]. Entrevistadora: Christina Ferraz Musse. Juiz de Fora, 2008. 1 fita mini-DV (60min).

COLUCCI, Luiz Antônio Horta. *Luiz Antônio Horta Colucci*: depoimento [set. 2008]. Entrevistadora: Christina Ferraz Musse. Juiz de Fora, 2008. 1 fita mini-DV (60min).

COLUCCI, Luiz Antônio Horta. *Luiz Antônio Horta Colucci*: depoimento [jan. 2009]. Entrevistador: Flávio Lins Rodrigues. Juiz de Fora, 2009. 1 fita mini-DV (60min).

COURI, Jorge Constantino. *Jorge Constantino Couri*: depoimento [mar. 2006]. Entrevistador: Flávio Lins Rodrigues. Juiz de Fora, 2006. 1 fita mini-DV (60min).

COURI, Jorge Constantino. *Jorge Constantino Couri*: depoimento [jan. 2009]. Entrevistador: Flávio Lins Rodrigues. Juiz de Fora, 2009. 1 fita mini-DV (60min).

COUTO, Ronaldo Costa. **Brasília Kubitschek de Oliveira**. Rio de Janeiro: Record, 2001.

DIÁRIO DA TARDE. Juiz de Fora, MG: Diários Associados. Edições: jan. a dez. 1948. De jan. a dez. 1958. De jan. a dez. 1959. De jan. a dez. 1960. De jan. a dez. 1961. De jan. a dez. 1962. De jan. a dez. 1963. De jan. a dez. 1964. De jan. a dez. 1965. De jan. a dez. 1966. De jan. a dez. 1967. De jan. a dez. 1968.

DIÁRIO MERCANTIL. Juiz de Fora, MG: Diários Associados. Edições: jan. a dez. 1948. De jan. a dez. 1958. De jan. a dez. 1959. De jan. a dez. 1960. De jan. a dez. 1961. De jan. a dez. 1962. De jan. a dez. 1963. De jan. a dez. 1964. De jan. a dez. 1965. De jan. a dez. 1966. De jan. a dez. 1967. De jan. a dez. 1968. 28 nov. 1973.

DIAS FILHO, Renato. *Renato Dias Filho*: depoimento [jun. 1980]. Entrevistadores: Arides Braga, Almir de Oliveira, Robertson Plishe e Celina Braga Dias. Juiz de Fora, 1980. 3 fitas-cassetes (180min), estéreo.

ESTADO DE MINAS. Belo Horizonte, MG: Diários Associados. Edições: de jan. a dez. 1960. De jan. a dez. 1961. De jan. a dez. 1964. De jan. a dez. 1965. De jan. a dez.



FERNANDES, Livia. *Telejornalismo na TV Mariano Procópio: primeiros passos do noticiário na TV do interior do país*. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 23., 2009, Curitiba. *Anais...* Curitiba: UFPR, 2009.

FREIRE, Olavo Bastos. *Olavo Bastos Freire: depoimento* [jun. 2001]. Entrevistadores: Nilo de Araújo Campos e Hilda Rezende Paula. Juiz de Fora, 2001. 1 mini-disk, estéreo.

FURTADO, Rubens. *Rubens Furtado: depoimento* [jan. 2009]. Entrevistador: Flávio Lins Rodrigues. Juiz de Fora, 2009. 2 fitas mini-DV (120min).

HAGUETTE, Teresa Maria Frota. **Metodologias qualitativas na Sociologia**. 3. ed. rev. e atual. Petrópolis: Vozes, 1992.

MATTOS, Sérgio. **A televisão no Brasil: 50 anos de história [1950-2000]**. Salvador: PAS: lanamá, 2000.

_____. **História da televisão brasileira**. Petrópolis: Vozes, 2002.

MILANESI, Luís Augusto. **O Paraíso via Embratel: o processo de integração de uma cidade do interior paulista na sociedade de consumo**. 2 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

MORAIS, Mário Manzolilo de. *Mário Manzolilo de Moraes: depoimento* [jan. 2009]. Entrevistador: Flávio Lins Rodrigues. Juiz de Fora, 2009. 2 fitas mini-DV (120min).

ORTIZ, Renato. "A evolução histórica da telenovela". In: ORTIZ, Renato; BORELLI, Sílvia H. S.; RAMOS, José M. O. *Telenovela: história e produção*. São Paulo: Brasiliense, 1988.

ORTIZ, Renato. **A moderna tradição brasileira**. São Paulo: Brasiliense, 1988.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. In: Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p.3-15, 1989.

PURRI NETO, Víctor. *Víctor Purri Neto: depoimento* [jan. 2009]. Entrevistador: Flávio Lins Rodrigues. Belo Horizonte, 2009. 3 fitas mini-DV (60 min).

RIBEIRO, Ana Paula Goulart. **Clientelismo, corrupção e publicidade: como sobreviviam as empresas jornalísticas no Rio de Janeiro dos anos 1950?** Rio de Janeiro, 2002. Disponível em: <<http://www.uff.br/mestcii/ana1.htm>>. Acesso em: 15 jan. 2008.

RODRIGUES, Flávio Lins. *Telefoto Jornal: O elo perdido entre o cinejornal e o telejornalismo em Juiz de Fora*. In: CONGRESSO NACIONAL DE HISTÓRIA DA MÍDIA, 7., 2009, Fortaleza. *Anais...* Fortaleza: Universidade de Fortaleza, 2009.

SILVA, Adriana Hassin. **A construção da modernidade: Brasília e a imagem do Brasil Moderno**. Rio de Janeiro, 2002. Disponível em: <<http://www.rj.anpuh.org/>>. Acesso em: 30 jul. 2009.



SIMÕES, Inimá; Costa, Alcir Henrique da; KEHL, Maria Rita. **Um país no ar: história da TV brasileira em três canais**. São Paulo: Brasiliense, 1986.